

---

## **BULLYING – AGRESSÃO INVISÍVEL: AS REPRESENTAÇÕES DE ALUNOS E PROFESSORES DE ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL DA CIDADE DE ITUVERAVA**

**FERREIRA, Vera Aparecida Valeze**<sup>1</sup>  
**JUNQUEIRA, Renata Pedroso P.**<sup>2</sup>  
**GRACIOLI, Maria Madalena**<sup>3</sup>

---

**Recebido em:** 2009-03-12

**Aprovado em:** 2009-08-22

**ISSUE DOI:** 10.3738/1982.2278.307

---

**RESUMO:** A palavra “*Bullying*”, sem tradução para o português, é toda agressão feita com intenção de ofender, discriminar, intimidar, machucar, humilhar, ignorar, isolar outra pessoa. Mas para ser considerado *bullying* é preciso que essa atitude agressiva se repita por várias vezes. Pesquisa realizada com educadores e alunos de uma escola pública e uma privada da cidade de Ituverava-SP revela que o *bullying* está presente no cotidiano escolar e, a maioria dos alunos já presenciaram ou foram vítimas do *bullying*; por outro lado, os educadores desconhecem o assunto e consideram as agressões como “brincadeira de mau gosto” ou “brincadeira de criança”. Assim, é necessária a realização de trabalho educativo e preventivo para evitar a temida violência escolar.

**Palavras-chave:** Bullying. Agressões. Violência. Escola.

### **Bullying – Invisible Aggression: Representation of students and teachers of a school from Ituverava City**

**SUMMARY:** The word *bullying* means all aggression made with intention to offend, to discriminate, to bully, to hurt, to humiliate, to ignore and, to isolate other person. But to be considering *bullying*, it is necessary that the aggressive attitude repeats several times. Research carries out with teachers and students of a public and a private school in Ituverava city, Brazil, shows that *bullying* is current in scholar routine and, most of the students already saw or were victims of *bullying*; on the other hand, teachers do not know the theme and they consider the aggression like a “joke”. Thus, it is necessary to realize an educative and preventive study to avoid scholar violence.

**Keywords:** Aggression. Violence. School.

---

## **INTRODUÇÃO**

Na língua portuguesa ainda não há um termo para definir o fenômeno *bullying*, na maioria dos países do mundo é definido como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, adotado por um ou mais indivíduo contra outro(s), causando dor, angústia e

---

<sup>1</sup>Graduada em Pedagogia pela FFCL Ituverava, professora da rede Municipal de Ensino

<sup>2</sup>Graduada em Pedagogia pela FFCL Ituverava, professora da rede particular

<sup>3</sup>Doutora em Sociologia, coordenadora e professora do curso de Pedagogia da FFCL - Ituverava

sofrimento. Por se tratar de um fenômeno, possui um nome específico e, muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com outras formas de violência, sendo considerados graves os traumas emocionais.

Em todo lugar onde possam existir relações interpessoais como: famílias, forças armadas, asilos de idosos, prisões, condomínios residenciais, locais de trabalho, o fenômeno *bullying* pode estar presente.

O que antes era considerado apenas como brincadeira de criança ou coisa de criança, ou brincadeira de mau gosto, hoje é um comportamento estudado por educadores de todo mundo e pode levar a vítima ao homicídio, suicídio ou outras reações violentas.

É muito comum os agressores aplicarem sobre suas vítimas ações como o duchão (colocar a cabeça da vítima dentro do vaso sanitário e puxar a descarga), puxar a cueca por trás apertando a genitália da vítima, a cobrança de pedágio (a vítima tem de fornecer dinheiro ao agressor para não apanhar, este pagamento também pode ser feito através da realização de trabalhos escolares para o agressor), entre outros.

Costantini (2004) define este fenômeno como um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica. É uma ação de transgressão individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou de um grupo de jovens definidos como intimidadores nos confrontos com uma vítima predestinada.

Para alguns estudiosos como Fante (2005); Lopes Neto (2008), esse tipo de agressão só é considerado como *bullying*, se a vítima for agredida no mínimo três vezes pelo mesmo agressor num espaço de tempo de um ano. Se essa agressão acontecer uma vez ou até mais de uma vez por agressores diferentes, é considerado um fato isolado, mas que, se não houver a intervenção no ato da agressão poderá se transformar em caso de *bullying*.

Pesquisa realizada em escolas da cidade de Ituverava revela que a maioria dos professores desconhece o *bullying*, ao mesmo tempo em que, questionários aplicados em alunos da 3ª e 4ª série de escola pública e privada revelam que a maioria já presenciou ou foi vítima de algum tipo de intimidação ou agressão.

## **1 O FENÔMENO *BULLYING***

Acredita-se que o fenômeno *bullying* surgiu junto com a escola, mas era entendido como fato normal para a idade dos estudantes. Há apenas três décadas estudos científicos têm sido realizados e divulgados, não só na esfera acadêmica, mas também para toda sociedade através dos meios de comunicação.

---

No Brasil, os estudos sobre o *bullying* são recentes, tiveram início da década de 1990 motivados pelo crescimento da violência dentro das escolas.

Cada indivíduo adota uma postura diferente diante do *bullying*, que pode ser de testemunha, vítima ou agressor. Geralmente os alvos são aqueles com diferenças no aspecto físico, psicológico ou intelectual; os tímidos, retraídos, passivos, submissos, ansiosos, temerosos, com dificuldades de defesa, de expressão e de relacionamento. Ou quem é gordo, baixo, magro, alto demais ou tem nariz e orelhas grandes, tipo e cor de cabelos diferentes, os que se destacam pela beleza ou inteligência. O comportamento *bullying* pode ser identificado em qualquer faixa etária e nível de escolaridade. Entre crianças de três e quatro anos, já se pode perceber o comportamento abusivo, manipulador, dominador de uns e, por outro lado, passivo, submisso, indefeso de outros. Porém, a maior incidência está entre os alunos de 4ª a 8ª séries, período em que os papéis se definem com maior clareza.

Estudos consideram relevante o fato que a maioria dos alunos, que são as testemunhas, aqueles que não sofrem nem praticam *bullying*, mas não fazem nada para defender os colegas que são vítimas. Muitos dão risadas, incentivam e valorizam os agressores, aumentando ainda mais sua popularidade.

A criança e o adolescente precisam de amor, proteção, respeito, de regras e de um modelo a seguir para se tornar um cidadão. As vítimas do *bullying* têm mais possibilidade de se tornarem adultos com dificuldade de relacionamento, depressão, não conseguindo estabilidade no trabalho e relacionamento afetivo.

Fante (2005) pesquisa desde 2000 a questão da violência nas escolas especialmente o estudo do fenômeno *bullying*, que define como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação aparente, praticado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Acredita que nos primeiros anos escolares podem surgir os traumas que se originam na violência sofrida tanto em casa como na escola, a autora enfatiza a necessidade de resgatar uma proposta de Educar para a Paz, e, por se tratar de um fenômeno mundial, o *bullying* vem sendo tema de preocupação e de interesse nos meios educacionais e sociais em todo o mundo.

Para a autora, é importante alertar a sociedade, principalmente pais, alunos e autoridades educacionais sobre o *bullying* que muitas vezes é interpretado como uma simples brincadeira de mau gosto ou brincadeira de criança, enquanto que as conseqüências para as vítimas desse fenômeno são graves e abrangentes, promovendo no âmbito escolar o desinteresse pela escola, o déficit de concentração e aprendizagem, queda do rendimento e a evasão escolar. Na saúde física e emocional, a baixa resistência imunológica e a auto-estima, o *stress*, os sintomas psicossomáticos, transtornos psicológicos, depressão e o suicídio.

A pesquisadora demonstra que alguns casos que não houve nenhum tipo de intervenção, acabaram com homicídios seguidos de suicídios, como ocorridos em escolas, como por exemplo, no Brasil: os casos de: Taiúva (SP), Remanso (BA); ou em outros países como: *Columbine* (EUA); *Red Lake* (EUA); Carmen de Patagones (Argentina).

Um menino de 14 anos que havia sido vítima de *bullying* por algum tempo para escapar à dor deixou o seguinte bilhete à sua mãe: “Eu poderia pegar uma arma e atirar em todos os meninos, mas não sou uma pessoa má. Também não vou dizer quem são os *bullies*. Você sabe quem são eles. Eu ria por fora e chorava por dentro. Mãe, depois da minha morte, vá ate a escola e fale com os meninos. Diga para que parem com o *bullying* uns sobre os outros, pois isso machuca profundamente. Estou tirando minha vida para mostrar o quanto machuca”. (MOHARIB, 2000, *apud* MIDDEELTON; ZAWADSKI, 2007, p. 19)

O agressor, por sua vez, não encontra limites contra a impulsividade e a agressividade em uma situação na qual se sente à vontade e, que lhe parece sem regras e medidas repressivas significativas.

Entre os agressores, os meninos apresentam-se em maior número, mas não os mais agressivos, pois entre as meninas, embora seja em números menores, praticam um tipo de agressão mais sutil.

Estudos de Constantini (2004); Fante (2005) e outros mostram que os agressores possuem falta de adaptação às normas da escola, a supervalorização da violência como forma de alcance do poder que podem acarretar o desenvolvimento de habilidades para futuras ações delinquentes, além de condutas violentas na vida adulta.

Para as testemunhas, que é a maioria dos alunos, estes podem sentir insegurança, ansiedade, medo e *stress*, comprometendo o seu desenvolvimento sócio-educativo.

Para Lopes Neto (2008), entre as meninas o *bullying* é uma atitude mais discreta, porém cruel, pois as meninas são mais dissimuladas que os meninos. Os tipos mais comuns de *bullying* entre as meninas são: pôr apelidos ofensivos, boatos, olhares, sussurros, difamar, excluir, humilhar e até ameaçar. A agressão é quase sempre feita de forma disfarçada e por isso, mais difícil de perceber.

Para Fante (2005); Lopes Neto (2008), a internet e celulares facilitam a perseguição e são instrumentos preferidos das meninas.

Tanto o agressor, como a vítima, apresentam distúrbios psicológicos que devem ser tratados. O *Bullying* não é uma brincadeira inocente. É uma atitude cruel que fere a dignidade e muitas vezes, impede o desenvolvimento pleno da personalidade.

---

## 2 BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR

A escola é o lugar que os pais confiam para deixar os filhos para que aprendam e ampliem seus conhecimentos, se socializem para aprender a exercer a cidadania. No entanto, no seu interior ocorrem quase sempre de forma disfarçada, nem sempre percebida pelos educadores, cruéis formas de violência.

A agressão que ocorre nas escolas é muitas vezes ignorada, sendo tratada como um acontecimento natural tanto por pais, professores, funcionários e alunos. Somente a vítima sabe a dor da agressão.

Na Constituição Brasileira e no Estatuto da Criança e do Adolescente, estão previstos os direitos da criança e do adolescente, que a escola deve ser um ambiente de respeito e proteção, respeito às diferenças, sendo que todos devem ser tratados com dignidade.

Segundo Carvalho (2007), a violência nas escolas denominada como *bullying* ocorre sem motivação evidente, compreendendo todas as formas de atitudes agressivas e intencionais, causando dor e angústia nas pessoas.

O atual clima de medo e violência generalizados, que é reforçado pela mídia, tem levado muitos educadores a tratarem como casos de polícia situações que poderiam e deveriam ser resolvidas como questões educacionais. Os professores sentem-se despreparados para resolver ou ajudar nos casos de violência, além do desconhecimento que a maioria tem sobre o *bullying*.

É importante destacar que tanto o *bullying* quanto a indisciplina não acontecem apenas devido a características individuais de cada aluno, tendência que tem predominado na análise desse fenômeno. É claro que há casos de problemas de personalidade que o apoio de profissionais especializados poderia amenizar. Mas a indisciplina é um fenômeno fundamentalmente coletivo e caracteristicamente escolar, afirma Carvalho (2007).

Para ABRAPIA (2005) para reduzir os casos de *bullying* é preciso: esclarecer o que é *bullying*, e mostrar que a prática não pode ser tolerada; haver mais conversa com os alunos e escutar atentamente reclamações ou sugestões; estimular os estudantes a informar os casos; reconhecer e valorizar as atitudes da garotada no combate ao problema; identificar os possíveis agressores e vítimas; criar com os estudantes regras de disciplina para a classe em coerência com o regimento escolar; estimular lideranças positivas entre os alunos; prevenir futuros casos; interferir diretamente nos grupos, o quanto antes para quebrar a dinâmica de *bullying*, e, por último; prestar muita atenção nos mais tímidos e calados.

### 3 O *BULLYING* EM ESCOLAS DO ENSINO FUNDAMENTAL - CICLO I, DA CIDADE DE ITUVERAVA - SP

Essa investigação é resultado de uma pesquisa em nível de iniciação científica realizada como Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentada como requisito parcial para obtenção da licenciatura em Pedagogia. Foi realizada numa escola pública municipal e numa escola particular da cidade de Ituverava – SP. A escolha de uma escola pública e outra particular surgiu da preocupação em verificar se o fenômeno *bullying* ocorre de forma igual nas duas escolas, uma vez que, o poder aquisitivo e o acesso a informação diferenciam os alunos das duas instituições.

Os objetivos propostos foram de avaliar se a agressão entre os alunos era um fato presente no cotidiano das escolas, e, também, se os professores já constataram algum tipo de agressão entre os(as) aluno(as); verificar as formas de agressões que ocorrem entre os(as) alunos(as), e, também, como os professores vêm e combatem o fenômeno *bullying* nas duas escolas.

Ao questionar os alunos sobre o que é agredir uma pessoa, constatou-se que nas duas escolas pesquisadas, mesmo com realidades socioeconômicas diferentes, quando se fala em agressão as diferenças deixam de existir. Para a maioria dos alunos a agressão só acontece quando há um contato físico. Eles não têm noção que brincadeira só acontece quando os dois lados se divertem, quando um lado se diverte e o outro se sente humilhado, constrangido, deixa de ser uma brincadeira e passa a ser uma agressão.

No questionário, foi solicitado aos participantes que informassem onde ocorrem essas agressões e verificou-se que nas duas escolas, o lugar onde ocorre a maioria das agressões é no pátio da escola. É o lugar que eles se sentem mais a vontade, tem menor vigilância, portanto, não se sentem observados e, assim, podem agredir sem ser notados. Em segundo lugar, em outro local. Em terceiro, na sala de aula. Em quarto lugar, indo ou vindo da escola, na escola privada 3% fazem essa afirmação e na escola pública 28 %, a grande diferença entre as duas escolas, pode ser explicado pelo fato de que a maioria dos alunos da escola pública vai e volta da escola a pé sem a presença de um responsável, portanto, as agressões ocorrem nesse trajeto. O mesmo não acontece na escola privada, em que a maioria dos alunos, vai e volta de carro e junto com os pais ou um responsável. Foi citado também que nos banheiros das escolas é outro local que freqüentemente ocorrem agressões.

Foi também questionado quem é o culpado das agressões e intimidações que continuam persistindo e, para a maioria dos alunos das duas escolas, acreditam ser dos agressores que muitas vezes agredem sem motivo. Na escola pública as vítimas transferem a

---

culpa das agressões para a Direção da Escola, a escola é a única culpada de toda dor e sofrimento que está sentindo, por não tomar medidas contra os agressores. Citaram também que a culpa é dos alunos que assistem e não fazem nada, dos professores, dos pais dos agressores e de quem é agredido, que aceita a agressão passivamente.

Em relação aos professores e coordenadores, constata-se que alguns desconhecem o significado da palavra *bullying*, e encaram essas agressões como normal, coisa de criança, e outros, mesmo desconhecendo a palavra “*bullying*” dizem estar sempre atentos a quaisquer tipos de agressões, intervindo desde o início, para evitar danos mais sérios.

Ao serem questionados se já presenciaram algum tipo de agressão entre os alunos, as respostas são iguais para os profissionais das duas escolas. As agressões que mais presenciam é xingar, apelidos pejorativos, brincadeiras de mau gosto, agressões físicas, ridicularização por raça, cor, religião e características físicas e, ameaças. No entanto, chama a atenção o fato dos professores da escola privada já terem presenciados mais ameaças entre os alunos, que os professores da escola pública.

Ao opinarem sobre a culpa da prática do *bullying* na escola, foi possível observar que alguns professores transferem a responsabilidade de orientar e prevenir as agressões que ocorrem no ambiente escolar, para outras instâncias: pais, Conselho Tutelar, políticas públicas.

Outros associam a questão da agressão aos valores familiares e da sociedade, a ausência dos pais que deixam seus filhos em segundo plano, negligenciam a educação e não oferecem orientação e um modelo a seguir. As agressões vivenciadas pelas crianças são consideradas normais, gerando de certa forma a reprodução da violência dentro e fora da escola.

É importante ressaltar também, que a maioria dos professores relaciona a violência como um efeito da mídia, que vem substituindo “o papel do adulto que cuida da criança e passa noção de valores” (COSTANTINI, 2004, p.61), certamente, que, grande parte das crianças passa muitas horas do dia na companhia da televisão, e a maioria dos programas das TVs abertas, dirigido ao público infanto-juvenil é pautado na violência, e assimilados pelos expectadores como normal.

Alguns professores relatam como brincadeiras de crianças, certos tipos de agressões. Segundo Fante (2005, p.67) “o fato dos professores não estarem preparados para distinguir entre condutas violentas e brincadeiras próprias da idade, bem como lhes falta preparo para identificar, diagnosticar e desenvolver estratégias pedagógicas para enfrentar os problemas do *bullying*”.

Ao relacionar a postura dos professores frente ao *bullying*, deve-se analisar que esta pode mudar o processo de intervenção perante as agressões. Muitas vezes as vítimas não vêem no professor uma fonte segura em que pode se apoiar nos momentos em que é agredida, uma vez que para o professor não passa de brincadeira de criança; por outro lado, o agressor pode ser identificado de maneira injusta como aluno violento, sem antes considerar os aspectos que estão envolvidos na situação ou no próprio aluno. Nesse sentido, o conhecimento e a conduta dos profissionais que trabalham na escola são fundamentais, não só professores, mas todos aqueles que direta ou indiretamente estão envolvidos no processo educativo.

A pesquisa identificou nas duas escolas todas as características do *bullying*: a violência, agressões, intimidações, e, vítimas, autores e testemunhas.

Torna-se, portanto, necessário que as instituições e os profissionais da área de educação tenham um papel efetivo e reconheçam a extensão do problema que causa a prática do *bullying*, e, devem procurar desenvolver medidas preventivas para redução dessa ocorrência envolvendo alunos dentro e fora da escola.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Essas agressões, com diferentes formas de violência que diferem o *bullying* de outras formas de violência, muitas vezes passam despercebidas ou ignoradas pelos educadores, pais ou responsáveis, ou até mesmo, por alunos que consideram isso uma brincadeira de criança ou brincadeira de mau gosto.

A escola tem um importante papel na abordagem do problema, pois é considerada como uma extensão do lar de crianças e adolescentes, e é na escola, que acontece o maior número de casos de *bullying*.

Alguns educadores envolvidos neste estudo são capazes de identificar alguns tipos de agressões do fenômeno, mas não têm noção de como agir, nem conhecimento do próprio *bullying*. Mesmo sem saber que alguns alunos estão envolvidos nesse fenômeno, seja como vítima ou agressor, procuram agir e amenizar a situação, admitindo que muitas vezes não é fácil tomar atitudes, que de certa forma cabe à direção da escola, a família do aluno e outras instituições.

Preparar os educadores é fundamental, para que saibam como lidar com o assunto, quando ele for diagnosticado. Na sala de aula é possível criar normas e regras, e chegar a um consenso sobre aquilo que pode ou não ser aceito. Essas não devem ser impostas pelo

---

professor ou outro responsável, sem que todos tenham participado da discussão e construção das mesmas.

Os docentes e discentes devem receber informações sobre o fenômeno *bullying*, quem são os envolvidos: autores, vítimas e testemunhas, quais são as práticas usadas, onde ocorrem e como são os tipos de agressões e o que pode ser feito para evitar esse tipo de agressão. Enfim, levantar estas questões e ter uma análise da realidade e como ela se apresenta na escola é fundamental como prevenção. Cabe lembrar que cada escola é um lugar único. Portanto, jamais as regras usadas em determinado lugar pode ser usado em outro, pode sim, ser usada como modelo.

Considera-se que é de extrema importância que educadores, pais e sociedade tenham conhecimento do *bullying*, para que possam ter condições de resolver questões referentes a esse fenômeno, e que o tema seja debatido e estudado, de forma a reduzir o índice de agressões, principalmente no ambiente escolar.

Mesmo sendo um tema pouco estudado e explorado, a realização desse estudo possibilitou verificar que já existem muitos livros sobre a temática, mesmo que a maioria não seja de estudiosos brasileiros, há traduções para o português, e também na internet, meio de pesquisa atualmente mais acessível a educadores há grande número de artigos científicos que tratam da questão do *bullying*. Nesse sentido, é possível concluir que o que falta nas escolas é divulgação do fenômeno, suas conseqüências e, principalmente como evitar que ele se espalhe nas escolas gerando à tão medonha violência escolar, presente no cotidiano de qualquer escola, seja ela pública ou privada.

## REFERÊNCIAS

ABRÁPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de proteção à Infância e Adolescência - Disponível em: [www.abrapia.org.br](http://www.abrapia.org.br) Acesso: 10 mar. 2008.

CAVALCANTE, M. Como lidar com brincadeiras que machucam a alma. **Revista Nova Escola**. Disponível em: [http://novaesola.abril.com.br/edicoes/0178/aberto/bullying\\_2\\_shtml](http://novaescola.abril.com.br/edicoes/0178/aberto/bullying_2_shtml) Acesso: 10 mar. 2008.

CONSTANTINI, A. **Bullying: como combatê-lo?** São Paulo: Itália Nova, 2004.

DREYER, D. **A brincadeira que não tem graça**. Portal Educacional, 2005. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/reportagens/bullying> Acesso em: 18 mar. 2008.

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Versus, 2005.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**. Disponível em: [www.abrapia.org.br](http://www.abrapia.org.br) Acesso: 18 mar. 2008.

Massacre\_de\_Columbine. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre\\_de\\_Columbine](http://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Columbine) - Acesso em: 11 jun. 2008.

MIDDELTON- MOZ, J.; ZAWADSKI, M. L. **Bullying**: estratégia de sobrevivência para crianças e adultos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SOUZA, P. N. P.; SILVA, E. B. **Como entender e aplicar a nova LDB**: Lei nº 9.394/96. São Paulo: Pioneira, 1997.